

GOLDGRUB, Franklin. O oleiro ciumento. **Folha de São Paulo**, São Paulo, 13.jul.1986. Folhetim, p. 8-11

O OLEIRO CIUMENTO

Em "La Potière Jalouse", seu livro mais recente, o antropólogo francês Claude Lévi-Strauss leva às últimas conseqüências sua crítica à teoria psicanalítica.

O último livro de Lévi-Strauss, "La Potière Jalouse", recentemente publicado na França, possui uma temática mitológica que é abordada mediante um referencial aparentemente psicanalítico. Mas não é, assevera o autor no capítulo derradeiro; e retomando uma linha interpretativa já desenvolvida nos artigos "O Feiticeiro e sua Magia", "A Eficácia Simbólica" e "A Estrutura dos Mitos" (contidos em "Antropologia Estrutural"), conclui mais uma vez que a psicanálise é uma mitologia menor e pretensiosa, cujas descobertas constituem uma paródia involuntária dos tesouros do pensamento selvagem.

Se a tese do livro se limitasse a isso não valeria a pena estender o debate. Mas é forçoso reconhecer que o antropólogo defende suas idéias empregando uma argumentação sumamente interessante, mediante a qual revela, trinta anos depois, uma incomum fidelidade à mesma incompreensão da teoria psicanalítica já demonstrada em "Antropologia Estrutural I". Não se trata de uma distorção qualquer... é a de um Lévi-Strauss e, como tal, acusa o ponto mais elaborado, o ápice alcançado pelo pensamento ousemos chamá-lo pré-psicanalítico, por mais que o crítico se queira a cavaleiro.

O início do capítulo final é contundente: logo no primeiro parágrafo ficamos sabendo que se Freud teve a desfaçatez de sub-titular seu "*Totem e Tabu*" com a frase "*sobre algumas correspondências entre a vida psíquica dos selvagens e a dos neuróticos*", "La Potière Jalouse" postulará inversamente a proximidade"... *entre a vida psíquica dos selvagens e a dos psicanalistas*". Não nos enganemos: todo o amor de Lévi-Strauss pelos primitivos desaparece aqui, pelo menos para o fim especial de condenar os psicanalistas ao primarismo que a pena freudiana ousara atribuir aos membros das sociedades frias.

VERDADE DOS MITOS

Lévi-Strauss prossegue no mesmo tom antes que sua vingativa indignação possa amainar: não é a psicanálise que desvela a verdade dos mitos, mas o inverso. A famosa maledicência que levou os norte-americanos a cognominar os psicanalistas de *head shrinkers* é acolhida com júbilo, porque "por tabela" ainda remete ao parentesco destes com os mesmos jivaros cujos mitos são objeto do livro, e que, como sabemos, são os conhecidos detentores da macabra técnica do encolhimento do crânio que costumam dispensar aos inimigos mortos com a mesma solícitude que os analistas dedicam a seus pacientes.

A decisiva prova da superioridade da inventiva indígena sobre a do criador da psicanálise apóia-se na comparação entre a obra prima deste último no gênero, a saber, o mito do assassinato do pai primevo pelos filhos que condenara ao celibato, com o seguinte: "*Aproveitando-se de uma longa ausência de seu pai Unushi, a cobra Ahimbi deita-se com sua mãe Mika, um jarro de cerâmica: como se os dois transgressores simbolizassem respectivamente os órgãos masculino e feminino — serpente e vaso — constrangidos pela natureza a unir-se desafiando as regras sociais que restringirão essa liberdade*".

DESEJOS INCESTUOSOS

E de fato, o patriarca, pai da primeira e avô da segunda, as expulsa; elas passam a levar uma vida errante e têm numerosos filhos. Ao voltar, o marido ofendido toma consciência do infortúnio e volta sua cólera não contra os culpados mas na direção de sua mãe que acusa de ter favorecido o crime, tornando-a responsável, diríamos de bom grado, pelos desejos incestuosos que ele mesmo lhe votara e que, por seu comportamento, a geração seguinte teria de alguma forma repetido. As crianças nascidas do incesto desejaram

vingar sua avó; decapitaram o marido e sua mãe no estilo "Totem e Tabu". Uma reação em cadeia eclode: Mika matou os filhos assassinos de seu marido; seu filho incestuoso tomou partido contra ela. Doravante os três campos — do pai, da mãe, do filho — entregam-se a uma guerra sem quartel. Assim surgiu o estado de sociedade.

Concordaremos sem qualquer ressalva com a outorga do laurel da fantasia aos jivaro; Freud, aliás, destacou-se muito mais como decifrador de ilusões do que na área de sua produção... algo que Lévi-Strauss parece ter extrema dificuldade em compreender. Mas, seja como fôr, escapa ao antropólogo que o problema central da referida passagem de "Totem e Tabu" consiste em entender como o indivíduo se torna capaz de controlar um desejo que, ao contrário do que acontece na natureza, não obedece a nenhuma periodicidade e se obstina, por sua natureza exclusivista, em ameaçar os laços da solidariedade social.

MASCULINO E FEMININO

O mito jivaro revela sem dúvida uma aguda percepção dos conflitos derivados da oposição entre os desejos masculino e feminino, em todas as modalidades possíveis: patriarca, matriarca, pai, mãe, filhos, irmãos, marido, esposa. Poder-se-ia pensar inclusive que a imaginação indígena aproximou-se mais da concepção do Édipo estrutural do que o seu precipitado advogado, que conjuga à já conhecida sagacidade alguns traços inesperadamente ingênuos. Mesmo assim, persiste a diferença entre o mito, que se limita a descrever as conseqüências do conflito entre desejos, e a teoria voltada para a compreensão da lógica subjacente.

Esse raciocínio, não prejudica sobre o valor explicativo da teoria em questão: trata-se apenas de restabelecer uma diferença que de forma alguma degrada o mito e eleva a teoria, mas situa-os cada qual com sua finalidade e no âmbito da respectiva jurisdição. Pois não é preciso renegar a noção de estrutura para reintegrar a história na posse de seus direitos; já abordamos a

questão ao impugnar a pretensão lévi-straussiana de indiferenciar magia e ciência a pretexto de combater o etnocentrismo.

DEFICIÊNCIA JUNGUIANA

Entretanto, será preciso reconhecer com Lévi-Strauss que Freud cometeu seus erros. Entre os quais avulta o de pretender interpretar mitos sem um instrumental análogo ao que a associação livre representa no processo psicanalítico. Com referência a esse ponto, e pretendendo escapar à deficiência junguiana que convocou levemente o conteúdo manifesto dos mitos com o fim de estabelecer identidades superficiais conduzindo a conclusões instáveis, ele dirigiu a sua busca para uma versão "verdadeira" que, Lévi-Strauss assinala com propriedade, não passa de uma ficção, pois é próprio do mito a adoção de quantas máscaras houver para melhor veicular sua mensagem.

Atônito diante da imensa variedade do imaginário indígena, Freud esquece as lições que aprendeu ao lidar com as fantasias individuais, como se exigisse dos mitos a transparência cuja ausência soube respeitar no que tange à neurose. Consequentemente, embora seja capaz de ver no sintoma um sentido e atrás do absurdo do sonho um código organizador, incorre na analogia inaceitável ao afirmar que por vezes o sonho se parece a uma "língua primitiva, sem gramática". Deixa assim patente por esse ato mais sintomático que falho toda a ingenuidade de sua concepção não só sobre o pensamento selvagem mas também no que diz respeito à linguagem.

OSCILAÇÕES FREUDIANAS

Mais grave ainda, "*...ao longo de toda a sua obra, Freud oscila — e não chega a decidir-se de fato — entre uma concepção realista e uma concepção relativista do símbolo*" (p.247). A primeira, recordemos, implica em que cada símbolo tenha um único significado; em oposição, encontramos a conhecida tese da lingüística sobre as conotações e denotações que multiplicam o valor semântico do signo.

Testemunha dessa hesitação que para Lévi-Strauss é desastrosa seria a pretensão de encontrar símbolos universais nos sonhos, descaminho que ostenta as pegadas de um desorientado Freud. Mas é ao próprio descobridor do inconsciente que devemos a associação livre com sua decisiva implicação de uma leitura do duplo sentido presente nos atos falhos, sintomas, piadas, jogos de palavras, condensações etc, culminando com a assombrosa constatação de que a linguagem é inerentemente polissêmica.

A crítica exacerbada de Lévi-Strauss peca pelo anacronismo associado a uma injustiça flagrante: quando Freud construiu a sua obra nada havia de parecido ao auxílio da nova lingüística que através dos contatos do etnólogo com Jakobson, por exemplo, sabemos ter beneficiado amplamente os alicerces da antropologia estruturalista. Um pouco mais e Lévi-Strauss pedirá a condenação de Demócrito por ter falhado em oferecermos uma teoria científica sobre o átomo. É preciso desvalorizar muito a noção de história para chegar a tanto... Foucault disponibiliza a noção de "solo epistemológico" que em muito ajudaria nosso antropólogo a reconciliar-se com a dimensão cronológica.

LIMITES

De fato, toda época impõe limites que encerram em suas fronteiras inclusive aqueles que a posteridade cognominará gênios. Se esse qualificativo é válido ou não importa menos que reconhecer a Freud o mérito de debater-se pioneiramente, e sem qualquer apoio, com questões que a lingüística viria a descobrir serem extraordinariamente pertinentes. Duplo mérito; pois sua investigação não fecunda apenas a psicologia mas uma ciência na qual não era "obrigado" a criar nada. É tanto mais estranhável essa atitude quando percebemos nas apologias dedicadas a Durkheim e Mauss que Lévi-Strauss é capaz de homenagear os precursores. Por outro lado, e não sem malícia, cabe então perguntar porque Freud não é alvo da mesma benevolência... e somos tentados a pensar que sua obra pode bem representar uma ameaça. Adiante veremos porquê.

A posição de Lévi-Strauss torna-se ainda mais frágil quando percebemos que ele também tomou o manifesto do pensamento freudiano em

vez de buscar-lhe a estrutura. Duplo pecado: pois se compara a psicanálise a um mito, porque lhe nega o favor de seus poderes interpretativos? E na medida em que escolhe deixar-se ofuscar pelos pequenos erros da teoria condena-se voluntariamente à cegueira que o priva dos benefícios de uma colheita que a própria antropologia estrutural ainda não está apta a fazer.

É o que procuraremos demonstrar a seguir, analisando principalmente a nova versão oferecida por Lévi-Strauss da conhecida crítica que classicamente tem sido dirigida ao que se quer entender por "pansexualismo freudiano".

TERRENO DESVANTAJOSO

Indiferente à lateralidade que a análise de mitos representa para a psicanálise, Lévi-Strauss propõe — mais esperto que sábio — o combate num terreno desvantajoso para o adversário. Dois erros são então imputados a Freud. "*O primeiro é o de ter decifrado os mitos por meio de um código único e exclusivo, enquanto que é da natureza do mito empregar sempre diversos códigos da superposição dos quais emergem as regras de sua tradutibilidade*" ... "*Nenhuma linguagem, astronômica, sexual ou outra, veicula um "melhor" sentido*", (pág. 245). "*O segundo erro consiste em crer que entre todos os códigos à disposição dos mitos, tal ou qual entre eles é obrigatoriamente empregado*". Nem primeiro nem único... A repreensão é severa; quase podemos visualizar o democrático etnólogo agitando o indicador na cara do império do sentido. A peroração culmina com a invocação de uma atuação exemplar, no caso a própria: "*Neste livro concentrei minha atenção sobre uma família de mitos onde o código psico-orgânico — sexual se o quisermos; voltarei ao tema — é conjugado com outros: tecnológico, zoológico, cosmológico, etc*". Psico-orgânico pareado com sexual? Também nós voltaremos ao tema.

Tendo eliminado as pretensões do rival sobre seu território, empreende em seguida o contra-ataque. Não se pode negar que a estratégia é perfeita: Lévi-Strauss escolhe as já analisadas hesitações de Freud sobre a natureza do símbolo e mostra o quanto elas podem prejudicar a própria interpretação dos sonhos. Só falta agora conquistar a capital do inimigo e o ataque final tem tudo

para ser devastador: "... a necessidade universal que opera sob o trabalho do sonho, ao contrário do que Freud às vezes parece pensar (supra 251) é o de submeter os termos surgidos em desordem a uma disciplina gramatical".

TERMOS ABSTRATOS

Lévi-Strauss não é imprudente a ponto de pensar que suas posições não sofrerão retaliações e as fortifica antecipadamente: "*Não se trata de substituir o simbolismo sexual por um outro de natureza lingüística ou filosófica; nesse caso haveria uma perigosa inclinação para o lado de Jung que, na observação justa de Freud, tenta reinterpretar os fatos analíticos em termos abstratos, impessoais e não históricos*".

O que se depreende de tais argumentos é que para Lévi-Strauss existe uma clara oposição entre lógica e sexualidade. A segunda é apresentada como algo ligado ao "psico-orgânico", às forças pulsionais, cuja primazia é enfaticamente negada. Nesse enfoque, Freud teria tomado o bonde errado de considerar que a linguagem seria subsidiária à emoção, seguindo assim uma tradição que remonta a Rousseau, Vico e Voltaire. Lévi-Strauss aqui faz as vezes de paladino do intelecto, cuja proeminência teria sido subvertida pela barbárie psicanalítica. Ao mesmo tempo, nega vigorosamente que sua posição tenha qualquer coisa a ver com a resistência à sexualidade, verdadeiro anáterna lançado pelos bem-pensantes da psicanálise contra quem quer que se atreva a desafiar-lhes os dogmas. O antropólogo pode ficar tranqüilo: não nos rebaixaremos a tanto e até compartilhamos o seu desprezo por tal recurso.

NOÇÕES PRECÁRIAS

Mas compensatoriamente ele não será poupado de todo o arsenal da psicanálise estruturalista, essa aliada que imprudentemente quis desautorizar. Notemos primeiramente a assustadora precariedade das noções psicanalíticas de Lévi-Strauss, que ele nos fornece com a mesma candura que atribui a Freud quando este confessa epistolarmente sua impotência diante dos mitos. Comentando (pág. 254) a tradução de idéias em imagens (figurabilidade) que

caracteriza o trabalho do sonho, Lévi-Strauss primeiramente transcreve o exemplo (de Silberer): "*Penso que tenho a intenção de aprimorar, num texto, uma passagem tosca. Imagem: vejo-me em vias de polir com uma plaina um pedaço de madeira*", para depois observar, entre parênteses: "*(onde, notemos, não se encontra qualquer traço de recalque nem de sexualidade)*". Seria de fato surpreendente se encontrássemos o elemento sexual recalcado justamente no conteúdo manifesto!

Tão grosseira quanto possa parecer, essa confusão é irrelevante diante da noção que Lévi-Strauss tem do conceito de sexualidade desenvolvido por Freud. Poder-se-ia invocar em favor do antropólogo a atenuante de que é preciso um estudo longo e acurado dos textos freudianos para ultrapassar sua assistemática. Seja. Mas quem se dedica a uma crítica desse porte tem por mínimo dever uma reflexão séria sobre seu objeto.

EXCITAÇÃO E FRUSTRAÇÃO

Ora, para Lévi-Strauss, a sexualidade, em Freud, é algo "psico-orgânico"; impulsos buscando satisfação, pertencentes ao registro oral, anal e genital, todos subsumidos numa noção de anátomo-fisiologia que comportaria fundamentalmente os processos de excitação e descarga ou frustração. Em dois pontos do seu texto Lévi-Strauss aponta para onde pode jazer o núcleo da distorção: logo no início, quando exemplifica as categorias psicanalíticas de sexualidade restringindo-as às fases oral e anal (pág. 243) e comprometendo-se bem mais seriamente adiante, na passagem dedicada a desacreditar a célebre fórmula freudiana sobre os sonhos (pág. 257):

"O verdadeiro móvel da formação do sonho, escreve Freud, reside regularmente na realização de desejo". "Mas acima do desejo, noção confusa se é que chega a ser, situa-se o apetite ou a necessidade; e a necessidade universal que opera no trabalho do sonho, contrariamente àquilo que Freud às vezes parece pensar (supra: 251), é a de submeter os termos surgidos na desordem a uma disciplina gramatical".

Invocaremos contra Lévi-Strauss a própria crítica que dirigiu a Freud. Da mesma forma que não pode haver língua (por mais "primitiva"...) sem gramática, tampouco é concebível que algum termo possa antecipar-se à própria gramática. A linguagem é, desde sempre, uma estrutura. A nível de comportamento. o mesmo ocorre com as emoções, sentimentos, impulsos. Com base nessa plataforma empreenderemos o contra-ataque.

PROCESSO SECUNDÁRIO

Um dos pilares capitais da construção freudiana mergulha suas fundações inteiramente na "Interpretação dos Sonhos". Ao afirmar que o relato do sonho está contaminado pelo processo secundário, Freud assinala que a consciência impõe as suas categorias (tempo, espaço, causa, objeto, para ficar com Kant) a um material primário. Este, porém, está regido por uma lógica própria, manifesta justamente através daquilo que Lévi-Strauss adota sob o conceito de "transformabilidade", de onde decorre que os termos percam importância diante de seu posicionamento recíproco.

Até aqui não fizemos mais do que lembrar que o sonho, não menos do que o mito, repousa num código a ser decifrado sob o caos da notável diversidade de suas manifestações (chamadas precisamente, no caso dos sonhos, de conteúdo manifesto).

Portanto, não há nenhuma "necessidade universal... de submeter os termos (do sonho) surgidos na desordem a uma disciplina gramatical". Pelo contrário, isso é justamente o que Freud chamou de elaboração secundária, enfatizando sua superficialidade. E justamente não há porque a disciplina gramatical já existe, é graças a ela que o sonho (como qualquer outro comportamento humano) se manifesta através de significantes. Por enquanto o jogo está empatado. Mas surgiu um problema: como a realização de desejos (sexuais e infantis) pode ser compatibilizada com essa gramática sem a qual retrocederíamos a uma explicação de natureza biológica, privilegiando algo como uma necessidade de sobrevivência?

HESITAÇÕES

Lévi-Strauss acredita a tal ponto na vulnerabilidade da posição freudiana que imaginou fossem seus "*discípulos fiéis demonstrar com brio*" que o mestre jamais afirmara taxativamente serem "*todos os sonhos de natureza sexual*". Alinhando citações, o etnólogo mostra mais uma vez a ambigüidade e as hesitações de Freud a respeito. São, entretanto, perfeitamente compreensíveis: "*...houve uma recusa geral em reconhecer que a pesquisa psicanalítica não podia, tal como um sistema filosófico, produzir uma estrutura teórica completa e já pronta, mas teve de encontrar seu rumo passo a passo ao longo do caminho da compreensão das complexidades da mente...*" (O Ego e o Id).

Lembremos que em 1905 a sexualidade infantil cabia num prisma biologizante, mas já em 1908 o artigo sobre as teorias sexuais infantis tem êxito em resgatá-la dessa prisão, a partir do que o conceito de sexualidade ingressa por uma via onde de súbito se descortinará uma magnífica paisagem acusando que o percurso freudiano atingiu alturas não menos que filosóficas. Não precisamos portanto pedir desculpas: pelo contrário, nada mais fácil que reinvidicar as colossais (que o entusiasmo seja perdoado) descobertas, levando-as até as últimas consequências.

INTERPRETAÇÃO PESSOAL

Se Freud hesitou em afirmar taxativamente a universalidade da eficácia do desejo sexual no sonho foi apenas na medida em que não podia demonstrá-lo, por não ter conseguido compreender claramente o alcance da sua façanha. E não se justifica a objeção de que se trata de uma "interpretação" pessoal do autor. A psicanálise é um campo da ciência; como tal, não seria lícito fechá-lo restringindo-o a uma obra, por mais notável que seja, e por fundamental e essencial que continue sendo.

Mesmo porque no próprio Freud já se encontram todos os elementos necessários à demonstração da existência de uma lógica que só pode ser compreendida mediante a paciente interrogação da sexualidade. Lembremos em primeiro lugar os pontos chave da distorção lévi-straussiana. A sua omissão da sexualidade infantil; e a incompreensão confessa da noção de desejo. Ora prescindir das noções de desejo e de falo quando se trata de refletir sobre

psicanálise é o mesmo que visitar o pólo norte com trajes de seda e linho. A demonstração já foi feita anteriormente mas não custa resumi-la.

Por desejo entendemos algo diferente do querer, da volição, da demanda. O desejo é inconsciente; seus derivados habitam a consciência. Estes têm "objetos"; o desejo é pura forma. O desejo comporta o negativo: conforme constatável na análise de pesadelos, podemos desejar exatamente o que não queremos — o que não aceitamos querer. Isso só não constitui necessariamente a regra porque nem sempre o mecanismo do recalque é a formação de reação, essa simpática inversão pura e simples que facilita tanto o trabalho do analista...

DESEJO E NECESSIDADE

Por desejo também entendemos algo radicalmente diferente de necessidade, a qual, para escândalo do etnólogo estruturalista, é inoperante no ser humano, sob forma biológica ou gramatical. Lembremos a seqüência: Instinto (ou reflexo incondicionado), necessidade, objeto e comportamento determinados, satisfação (saciação) ou frustração. Isso vale para o animal. No humano encontramos algo diferente: Pulsão, desejo, objeto e comportamento indeterminados, prazer ou desprazer. O animal "descansa" da necessidade através da trégua da satisfação; no segundo caso, o prazer só faz a manutenção do desejo pela lubrificação de suas incessantes engrenagens..

Menos fácil é dar conta, com brevidade, da rica problemática encerrada na noção de falo. Podemos partir da categorização do falo através dos verbos ser e ter, unindo esse útil ao agradável de lidar literalmente com a gramática até aqui invocada na condição de metáfora.

A sexualidade infantil, longe de esgotar-se em impulsos visando gratificar boca e ânus para finalmente culminar na masturbação define-se muito mais amplamente como fase em que se constrói a identidade do sujeito, processo que inclui a organização de seu desejo. A criança passa necessariamente pelas vicissitudes de pretender ser o falo (da figura materna), em seguida, ser o objeto único da figura, fálica, e, contrariada, aceita finalmente aceder à posição de sujeito, exigindo porém a indenização de ter

pleno poder sobre aquela cujo amor incondicional representará para sempre o paraíso perdido.

ÉDIPO INOCENTE

Resumindo e simplificando ao máximo esse é o drama que se desenrola por trás do Édipo, que Lévi-Strauss parece encarar como uma inocente novela da qual ficaria difícil depreender a importância se de fato se reduzisse a problemas de ciúme e rivalidade. Mas que inclui também esses aspectos, o que esvazia a objeção citada e simultaneamente anexa à problemática que o etnólogo gostaria de reservar para si: "*Que se faça a releitura do Édipo Rei: tendo por cenário um ponto do direito constitucional — o irmão ou o esposo da rainha, quem pode pretender deter o poder legítimo?— trata-se de um enigma policial...*"

Pois fica claro estudando-se a fase fálica que o desejo incestuoso é inseparável da vitória que acarreta sobre o terceiro; não há amor sem rivalidade e a posição de detentor do falo a que aspira a criança não é outra senão a de aceder ao poder total, o que implica em alcançar tudo quanto se deseja a expensas de alguém (justamente o modelo com quem se fez a identificação). Trata-se da ilusão do absoluto à qual é tão difícil renunciar como assumir a posição de sujeito com o ônus de aceitar desejar sem nenhuma garantia quanto ao apaziguamento...

Qual foi o erro de Lévi-Strauss? Paradoxalmente, o do bom senso. Nisso ele não se diferenciou de todos quantos recriminaram a Freud ter enfatizado indevidamente o sexual. Pode-se ter uma idéia da originalidade da concepção freudiana quando se vê que mesmo agora, retrospectivamente, continua sendo mais fácil entender os motivos de seus críticos do que a misteriosa razão que impeliu o vienense a essas absurdas e remotas regiões onde sexualidade e lógica se encontram tão inesperada mas certamente como as paralelas no infinito. Dir-se-á que foi o trabalho clínico. Sem dúvida; mas teria sido mais fácil ficar cego e surdo diante de evidências tão atrozes.

CULTO DA PERSONALIDADE

Não recorreremos entretanto ao culto da personalidade, a não ser por uma pequena comparação. Entre o imanentismo lévi-straussiano e a transcendência heideggeriana, entre o demasiado factual e o demasiado espiritual, Freud se parece ao pescador do conto sufí que corre sobre o lago para perguntar ao erudito como se faz para pronunciar corretamente as palavras da reza que permite triunfar sobre a matéria...

O erro do bom senso: pois de fato como negar a Lévi-Strauss uma aliança perfeita com os bem-pensantes quando invoca a possibilidade de vários códigos? Inclusive pela simpática conclusão democrática a que chega quando nega a primazia de qualquer núcleo significativo sobre outro. Nesse ponto, inesperadamente, o etnólogo hesita e se coloca no lugar do interlocutor para auto-objetar que sua posição pode ser confundida com uma redução do espírito humano "*...a um jogo de abstrações*". Poder-se-ia então acusá-lo de "*...substituir a alma humana com suas febres, por uma fórmula asséptica*" (pág. 264). "*Eu não nego as pulsões, as emoções, os turbilhões da afetividade, mas não concedo a essas forças eruptivas uma primazia: elas irrompem numa cena já construída, arquiteturada pelos constrangimentos mentais*".

A defesa é fraca: impulsos, emoções e sentimentos não estão fora dos "constrangimentos mentais", nem aparecem "depois"; são significantes como quaisquer outros. O equívoco consiste em supor uma subordinação do indivíduo ao social, da emoção à razão, do conteúdo à forma. Propomos não o contrário mas, conforme o credo estruturalista, a simultaneidade, a solidariedade e a sistematicidade.

QUERELA ESTÉRIL

Na seção menor desse mesmo 14º e último capítulo que estamos comentando Lévi-Strauss reabre uma querela estéril para decidir quem deve mais a quem, a psicanálise ao conjunto de ciências que compõem as chamadas ciências sociais (e principalmente a etnologia) ou o contrário. Quando Freud parece decidir que isso não tem realmente importância, Lévi-Strauss o acusa de "*...jogar um véu sobre o debate*". Está enganado, mais uma vez; mesmo porque, há cinco ou seis décadas, a psicanálise se adiantara em

relação a sua época (tanto é assim que já desfrutava da noção de inconsciente com quantos erros Lévi-Strauss queira imputar-lhe).

Recusando a dívida que ninguém pensou em cobrar-lhe, o etnólogo briga com seu vizinho fechando as portas a uma cooperação da qual ambos só extrairiam benefícios. Alcançáveis aliás com ou sem a anuência do mestre francês; ninguém é dono de sua obra e podemos colher as frutas do pomar que generosamente transgride o muro em direção ao sol do lado de cá...

Interrogando o prazer, Freud descobriu que para além da genitalidade havia a sexualidade infantil; que esta se desdobrava na rica vida das fantasias e teorias sexuais infantis; e inadvertidamente encontrou-se em pleno coração das trevas, governadas por uma lógica imperturbavelmente férrea, diversa da aristotélica e abrangente em relação a ela; esse "*...inconsciente estruturado como uma linguagem*" de que falou Lacan, em torno às noções de falta e falo que erigem o núcleo da significação e inauguram a álgebra humana em obediência ao impossível desejo de ser ou ter tudo, isto é, ao desejo de não desejar.

CONTEÚDO E ESTRUTURA

Os mitos não escapam desse código mais do que os sonhos ou qualquer outro comportamento humano. L-S recorrerá em vão a quantos especialistas em Grécia Antiga quiser. Freud não analisou o Édipo enquanto mito. Tomou-lhe o conteúdo para batizar uma estrutura cuja descoberta só poderia ser feita hesitantemente, no fragor dessa batalha cega entre exércitos noturnos através da qual Shakespeare cifrou a condição humana. Fosse um frio cientista (e nunca teria chegado lá) dar-lhe-ia o designativo de "estrutura N° 1" ou se contentaria com a denominação que usou descritivamente, ou seja, "complexo nuclear".

Uma observação final: Lévi-Strauss demonstra, numa derivação plenamente consequente com as elucidações de que o estruturalismo foi capaz, que a forma é o conteúdo do conteúdo. Faltou-lhe perceber que simultaneamente o conteúdo é a forma da forma. As aparências não enganam

mais do que revelam. A “Carta Roubada”, de Poe, constitui uma excelente introdução ao tema.